

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

JOÃO PAULO PELIZZARI DIAS

**PERCEPÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFID-UFRGS
SOBRE O ENSINO DO FUTSAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Porto Alegre

2018

JOÃO PAULO PELIZZARI DIAS

PERCEPÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFID-UFRGS
SOBRE O ENSINO DO FUTSAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como pré-requisito para a
graduação no Curso de Licenciatura em
Educação Física da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Martha Maria
Ratenieks Roessler

Porto Alegre

2018

JOÃO PAULO PELIZZARI DIAS

**PERCEPÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFID-UFRGS
SOBRE O ENSINO DO FUTSAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Conceito final: A

Aprovado em 05 de julho de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogerio da Cunha Voser – UFRGS

Examinador

Prof.^a. Dr.^a. Martha Maria Ratenieks Roessler – UFRGS

Orientadora

Porto Alegre

2018

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos meus amigos e familiares, principalmente a minha avó Nelzi “in memorium”, que sempre me desejou todo sucesso do mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, professora Martha Roessler, por toda a atenção, ajuda e principalmente por ter muita paciência respondendo todas as minhas dúvidas durante o tcc.

Agradeço a minha mãe, Marinês Pelizzari, por sempre estar ao meu lado nesta caminhada da graduação, me motivando e me cobrando quando eu relaxava ou ficava distraído por algo. Agradeço não só por isso, mas também por ser um espelho para mim, sempre me mostrando o certo e o errado.

Agradeço ao meu pai, Jonas Dias, por ter me dado a oportunidade de conseguir passar na UFRGS, disponibilizando meios e alternativas para esta conquista.

Agradeço a minha namorada, Evelin Nunes, por me aturar nesses últimos anos de faculdade e por me aturar ainda mais na produção do meu tcc. Claro que também agradeço ela por sempre me motivar a concluir esta jornada.

Agradeço a todos meus amigos e amigas que sempre estiveram ao meu lado dando força, principalmente ao Axel Lopes, Bruno Senra, Eduardo Michels, Giovane Soto, Igor Nedel, José Oliveira, Rafael Barros, Tiago Rezzoagli e Vinicius Serdeira que estão comigo há muitos anos de vida.

Agradeço a minha barra na faculdade, por todos momentos que vivenciamos dentro da ESEFID com cada aprendizado, erros, risadas e alegrias que tivemos.

Agradeço a todos os professores, aos que me deram aulas na UFRGS, pois foram eles que me ensinaram conteúdos novos, abrindo meus olhos para diversos assuntos e, também, por enfatizarem ainda mais os conteúdos dos quais eu já conhecia, me dando discernimento para as escolhas da vida.

Enfim, agradeço a todos aqueles que em algum momento fizeram parte da minha vida acadêmica.

“ Não importa o quanto você bate, mas sim o quanto aguenta apanhar e continuar. O quanto pode suportar e seguir em frente. É assim que se ganha. ”

Rocky Balboa

RESUMO

Na área da Educação Física escolar há um amplo espaço para discussões, estes assuntos necessitam de estudos mais amplos referentes ao preconceito, respeito e violência nas aulas. O futsal faz parte da cultura brasileira e sua visibilidade chama a atenção para a sua prática enquanto fenômeno social estabelecendo mudanças no comportamento de seus praticantes. O objetivo do presente estudo foi verificar qual a percepção dos estagiários de Educação Física da ESEFID-UFRGS sobre o ensino do futsal nas aulas de Educação Física escolar. Um questionário aberto de nove perguntas foi aplicado a doze estagiários, os quais atuaram em escolas públicas de Porto Alegre, durante o primeiro semestre de 2018. Entende-se a importância de abordar questões de inclusão na formação docente e nas práticas educativas com crianças, na perspectiva de construir uma sociedade mais justa para todas as pessoas.

Palavras chave: Educação Física escolar; futsal; inclusão.

ABSTRACT

In Physical Education's area there is a wide space for discussions, this matter needs larger studies regarding prejudice, respect and violence in classes. Futsal is part of Brazilian culture and its visibility draws attention to its practice as a social phenomenon establishing changes in the behavior of its practitioners. The objective of the present study was to verify the intern's perceptions of Physical Education at ESEFID-UFRGS about futsal teaching in school physical education classes. An open questionnaire of nine questions was applied to twelve interns, who worked in public schools in Porto Alegre during the first semester of 2018. It is understood the importance of approaching inclusion issues in teacher training and educational practices with children, in the perspective of building a fairer society for all people.

Keywords: School physical education; futsal; inclusion.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACM – Associação Cristã de Moços

AMF – Asociación Mundial de Futsal

CBD – Confederação Brasileira de Desportos

CBFS – Confederação Brasileira de Futebol de Salão

FIFA – Fédération Internationale of Football Association

FIFUSA – Federação Internacional de Futebol de Salão

PANAFUTSAL – Confederação Pan-americana de Futsal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
2.1 HISTÓRIA DO FUTEBOL DE SALÃO E FUTSAL	14
2.2 FUTEBOL DE SALÃO E FUTSAL NO BRASIL	18
2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	20
2.4 FUTSAL NA ESCOLA	23
2.5 QUESTÕES DE INCLUSÃO NA ESCOLA	25
3 METODOLOGIA.....	29
3.1 TEMA DO ESTUDO	29
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	29
3.3 COLETA DE DADOS	29
3.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	29
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	31
4.1 GÊNERO E FAIXA ETÁRIA DAS TURMAS	31
4.2 OBJETIVOS PREVISTOS PARA AS AULAS.....	32
4.3 PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS NA PREPARAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DAS AULAS	32
4.4 COMPREENSÃO DAS ATIVIDADES ABORDADAS	33
4.5 ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS COM AS AULAS	34
4.6 RESPEITO ENTRE OS GÊNEROS	34

4.7 PRECONCEITOS MAIS EVIDENTES ENTRE OS ALUNOS	35
4.8 VIOLÊNCIA ENTRE OS ALUNOS	35
4.9 ATITUDE TOMADA PELOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AO CONFLITO	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE A.....	44
APÊNDICE B.....	45

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a Educação Física escolar é componente curricular obrigatório na Educação Básica, tendo como características o ensino de valores, atitudes e conhecimento do movimento do corpo humano. Desta forma, a Educação Física acabou assumindo alguns papéis na vida das crianças e adolescentes, apresentando esse conteúdo com fins educativos, científicos e formas de expressões do corpo humano.

A Educação Física no Ensino Médio é de extrema importância, pois possibilita o desenvolvimento do aluno como pessoa humana, incluindo a formação ética, o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico para ser um cidadão do bem na sociedade com uma formação cultural (PCN's. 2000).

Durante o curso de graduação em Educação Física acabei vendo diversos conteúdos, aprendendo muitos assuntos novos, assuntos estes que muitas vezes são ignorados pela grande maioria dos estagiários. Também consegui aprimorar diversos conteúdos dos quais eu já tinha algum tipo de experiência ou um breve conhecimento. Dentre essas diversas áreas estudadas que o curso me proporcionou, mais especificamente nos estágios, acabei tendo uma inquietude em relação as aulas dadas por mim e até mesmo pelos meus colegas, que em determinadas atividades do futsal, haviam exclusões entre os alunos.

Para Scott (1995) o termo gênero é classificado como uma classe analítica e relacional a qual se associa com outras classes, como raça, categoria, geração, sexualidade e como uma maneira de atribuir sentido às relações de poder.

Sabe-se que na Educação Física o termo gênero surgiu por volta de 1990, ainda quando não haviam muitas pesquisas ou recém estavam se iniciando. Até essa época até existiam pesquisas sobre mulheres e educação com turmas mistas, mas ainda não era relacionado com termo gênero (ALTMANN et al, 2009).

O que observei nos estágios, é que meninos eram mais engajados nas aulas de futsal e as meninas aparentemente ficavam mais isoladas. Isso me instigou bastante, pois eu não conseguia identificar se isso era relacionado a algum preconceito entre os alunos ou era apenas um histórico da escola. Então,

conversando com alguns colegas estagiários da ESEFID, eles relataram esta mesma percepção.

Segundo Silva e Santos (2010), a prática do futsal pelas meninas não é comum e por isso, muitas delas acabam não tendo um grande interesse pelo esporte. Porém os meninos, ao contrário, são culturalmente induzidos a gostarem de futsal desde o seu nascimento.

Silva e Santos (2010, p. 47) entendem que, ainda neste cenário de relações genéricas, “há algumas escolas que adotam a prática coeducação, ou seja, aulas mistas de meninos e meninas, entretanto, os meninos ainda impõem sua forma de praticar, como modelo a ser seguido por elas”.

Partindo deste pressuposto, o objetivo deste estudo foi verificar qual a percepção em relação ao ensino do futsal que os estagiários de Educação Física da ESEFID-UFRGS tiveram quando trabalharam o esporte em suas aulas. O estudo então, aplicará um questionário aberto de nove perguntas para doze estagiários, que atuaram em escolas públicas de Porto Alegre, durante o primeiro semestre de 2018.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 HISTÓRIA DO FUTEBOL DE SALÃO E FUTSAL

O Futebol de salão tem uma grande questão referente à sua origem, onde há uma grande dúvida de sua criação pela falta de documentos na literatura, mas têm-se informações de que o mesmo pode ser oriundo de dois países diferentes, sendo em Montevideu, Uruguai ou em São Paulo, Brasil (TENROLLER, 2004).

Segundo Figueiredo (1996), uma inundação que ocorreu no Estádio do Maracanã extraviou grande parte dos arquivos da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e, entre esses arquivos, estavam os do futebol de salão.

Conforme Vicari (2015), tem-se uma grande dificuldade de encontrar algo relacionado a estes assuntos nos livros, tanto nos de futebol de salão quanto nos de futsal, pois sempre que esse assunto da história é descrito, vem de maneira muito sucinta e resumida, contemplando normalmente mais sobre os assuntos de fundamentos do esporte.

É de extrema dificuldade encontrar realmente a origem do berço do futebol de salão, prática qual se originou o futsal. Mas uma revisão de literatura pode elucidar algumas questões, mostrando alguns argumentos que sustentam cada uma dessas versões da origem do futebol de salão (VICARI, 2015).

Em uma dessas duas prováveis versões que se tem da origem do Futebol de salão, Zilles (1987), Lucena (1994) e Apolo (1995) afirmam que o Futebol de Salão nasceu por volta dos anos 30 no Uruguai, já que na época fazia um inverno rigoroso e o Uruguai era bicampeão olímpico (1924 e 1928) e havia sediado a primeira Copa do Mundo de Futebol promovida pela Fédération Internationale of Football Association (FIFA), no ano de 30, no qual foi o campeão.

Como Uruguai estava em alta neste segmento de futebol, a prática do mesmo estava acontecendo em grande quantidade nos ginásios, já que os campos estavam sempre cheios e o clima estava frio e úmido. Isso ocorreu também na Associação Cristã de Moços (ACM) de Montevideu, então, o diretor de seu departamento de menores, professor Juan Carlos Cerani, que em 1933, percebeu essa motivação dos

alunos praticando esta nova modalidade e redigiu as primeiras regras fundamentadas no futebol, basquete, handebol e polo aquático, dando o nome de *Indoor-Foot-Ball*, que traduzindo do inglês significaria “futebol em local fechado” (TENROLLER, 2004).

Já Teixeira (1996) e Figueiredo (1996), concedem a criação do futebol de salão ao Brasil em torno de 1940 por frequentadores da ACM de São Paulo, onde, havia uma dificuldade enorme de encontrar espaços livres para as práticas, então começaram a jogar e praticar os seus jogos em quadras de basquete.

Logo que começaram a fazer essa prática, não tinha um número exato de jogadores por time, podiam ser cinco, seis ou sete jogadores, porém com o tempo definiram que poderiam ter apenas cinco por equipe. As bolas costumavam quicar com muita frequência e saíam demais das quadras, então tiveram que as adaptar, diminuindo sua circunferência e aumentando o seu peso, assim começaram a chamar o futebol de salão de “O esporte da bola pesada” (VOSER, 2003).

“Com isso conclui-se que, de fato a prática do Futsal ou Futebol de Salão começou dentro de quadras na Associação Cristã de Moços (ACM), seja ela no Brasil ou no Uruguai”. (SOUZA JUNIOR 2013, p. Única).

As primeiras regras começaram a ser redigidas na década de 50, quando em 1959 o paulista Luiz Gonzaga de Oliveira Fernandes, escreveu o primeiro livro de regras. Alguns anos depois, a entidade que estava no comando do mundial na época, Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA), iria utilizar essas regras (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO, 2018).

Em 14 de Setembro de 1969, em Assunção, Paraguai, foi fundada a Confederação Sul Americana de futebol de salão (CSAFS), quando começaram a surgir os primeiros campeonatos sul-americanos de clubes e seleções nacionais (TOLUSSI, 1982).

Conforme Tenroller (2004) o Futebol de Salão só foi reconhecido no dia 25 de julho de 1971, onde representantes do Brasil, Argentina, Bolívia, Paraguai, Peru, Portugal e Uruguai fundam a FIFUSA, na cidade do Rio de Janeiro, tendo João Havelange como 1º presidente. Alguns anos depois, no dia 15 de junho de 1979,

também na cidade do Rio de Janeiro, surgiu oficialmente a Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS).

Em 1982 na cidade de São Paulo, a FIFUSA organizou o 1º Campeonato Mundial de Futebol de Salão. O campeonato foi jogado no ginásio do Ibirapuera e as seleções que participaram foram Brasil, Argentina, Costa Rica, Tchecoslováquia, Uruguai, Colômbia, Paraguai, Itália, México, Holanda e Japão. O Brasil venceu a final do Paraguai por 1 a 0 (BELLO, 1998).

Esse mundial foi um marco para a história, pois a partir de então, o futebol de salão começou a ser bem visto e despertou o interesse da FIFA, que começou a criar muitas dificuldades para todas as competições patrocinadas pela FIFUSA. A FIFA que que organizava a mesma modalidade, chamando-a de “futebol de cinco”, noticiava nos jornais que iria patrocinar um mundial (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO, 2018).

O segundo Campeonato Mundial de Futebol de Salão aconteceu em 1985, na Espanha, e novamente o Brasil se consagrou campeão (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO, 2018).

Em 1988, Álvaro Melo Filho, então atual Presidente da CBFS, observando as dificuldades da FIFUSA e querendo um futuro melhor para o futebol de salão, aceitou o convite do dirigente do Bradesco Ararino Sallum, para participar de um encontro no Rio de Janeiro. Esse encontro era com o então Presidente da FIFA, João Havelange, e seu secretário geral, Joseph Blatter, dando início a negociações para que a FIFA assumisse a FIFUSA e passasse a comandar a modalidade internacionalmente (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO, 2018).

Ainda em 1988, a FIFUSA organiza o terceiro e último Campeonato Mundial de Futebol de Salão, tendo o Paraguai se consagrado como campeão. Assim que acabou o torneio, a FIFA procurou novamente a FIFUSA para entrar em acordo sobre o futuro do futebol de salão, porém não houve acordo (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO, 2018).

*Conforme CBFS (2018, p. Única):

Logo após este mundial Álvaro Melo Filho, contando com a anuência e presença de Januário D'Alécio (Presidente da Fifusa), participou de várias reuniões na Fifa, ao longo do ano de 1989, onde sempre teve presença e atuação destacada, dentre outros, do secretário geral da Fifa, à época, Joseph Blatter, tendo as negociações, ao final, acordado a fusão Fifa/Fifusa, quando então foi constituída, na Fifa, com previsão estatutária, a Comissão de Futsal.

A fim de não paralisar as atividades da FIFUSA, foi criada em 25 de setembro de 1990 a Confederação Nacional de Futebol de Salão (PANAFUTSAL), em Bogotá, por dirigentes das federações de futebol de salão de Paraguai, México, Colômbia, Uruguai, Argentina, Venezuela, Costa Rica, Porto Rico e Bolívia. Mais tarde os países Antilhas Holandesas, Aruba, Canada e Equador também vieram a se filiar (VICARI, 2015).

A PANAFUTSAL tornou-se uma entidade independente da FIFA e na década de 1990 organizou campeonatos de futebol de salão, como por exemplo, os mundiais de 1991, 1994 e 1997, sempre seguindo as regras que eram adotadas pela extinta FIFUSA (VICARI, 2015).

Em 1992, adotando o modelo do futebol, que era patrocinado pela FIFA, as Copas do Mundo de Futsal da FIFA passaram a ser realizadas de quatro em quatro anos. O Brasil é o maior campeão com 5 títulos (1989, 1992, 1996, 2002 e 2012), depois vem a Espanha com 2 títulos (2000 e 2004) e pôr fim a Argentina com apenas 1 título (2016) (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO, 2018).

Segundo Vicari (2015), em 2000, a PANAFUTSAL acordou uma carta de intenções com a FIFA, em busca de uma fusão, porém o acordo não deu certo. Neste mesmo ano, o Comitê Olímpico Internacional reconheceu que a FIFA seria a única entidade que poderia promover campeonatos de futsal.

Para Vicari (2015), em dezembro de 2002, em Assunção, para não perder os moldes de futebol de salão de sua origem, alguns membros da PANAFUTSAL criaram a Asociación Mundial de Futsal (AMF), que é a organizadora dos mundiais que jogam

o esporte à moda antiga. Os países que eram filiados a antiga FIFUSA se afiliaram com a AMF. As edições organizadas pelas AMF foram nos anos 2003, 2007, 2011 e a última em 2015.

O futsal tem mais de “70 países que o praticam em quatro continentes, tendo como destaque a Rússia, Ucrânia, Paraguai, Bélgica, Argentina, Espanha, Portugal, Itália e Austrália, entre outros” (VOSER, 2003, p.85).

2.2 FUTEBOL DE SALÃO E FUTSAL NO BRASIL

Como supracitado anteriormente no primeiro parágrafo da história do futebol de salão e futsal, uma das vertentes para o surgimento do Futebol de Salão e futsal é no Brasil, onde começou a ser praticado por volta de 1940, por jovens frequentadores da ACM, em São Paulo. Com a grande dificuldade de encontrar campos de futebol ou até mesmo espaços livres para a realização dos seus jogos de futebol, os jovens acabavam indo para dentro dos ginásios, utilizando quadras de basquete e hóquei, aproveitando as traves usadas na prática desse último esporte (VOSER, 2003).

Com o crescimento dessa nova prática, que estava ocorrendo em todos os cantos e quadras, não demorou muito para que essa modalidade ganhasse mais adeptos pelo Brasil, sendo criada várias regras pertinentes para a evolução do esporte. Em pouco tempo organizavam-se times, disputando torneios abertos. Com a criação de novas equipes, rapidamente o esporte começou a ganhar espaço em quase todas as capitais, que já o praticavam, copiando as regras uns dos outros (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO, 2018).

Na década de 50 começaram a surgir várias Federações Estaduais, um nome se destaca nos primórdios do futebol de salão, que é o de Habib Maphuz. Ele era professor da ACM de São Paulo e participou na criação de regras para diversas modalidades esportivas. Habib fundou em 1952 a primeira liga de futebol de salão, a Liga de Futebol de Salão da Associação Cristã de Moços (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO, 2018).

A primeira federação no Brasil foi a Federação Metropolitana de Futebol de Salão (atual Federação do Rio de Janeiro), fundada em 28 de julho de 1954, na sede

do América Futebol e seu primeiro presidente foi Ammy de Moraes. Neste mesmo ano, em 4 de dezembro de 1954, foi fundada a Federação Mineira de Futebol de Salão (VICARI, 2015).

Em 1955 foi fundada a Federação Paulista de Futebol de Salão, tendo como presidente o professor Habib Maphuz. A partir de então, há uma série de federações estaduais sendo fundadas pelo Brasil. Em 1956 as Federações cearense, paranaense, gaúcha e baiana. Em 1957 a catarinense e a norte-rio-grandense, em 1959 a sergipana (VICARI, 2015).

“As primeiras regras publicadas foram editadas em 1956. As normas foram feitas por Luiz Gonzaga de Oliveira Fernandes, em São Paulo” (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO, 2018, p. Única)

Na década de 50 o futebol de salão brasileiro tinha muitas regras e ninguém tinha ao certo algo que realmente mostrasse quais estavam corretas. Em 5 de fevereiro de 1957, foi criado o Conselho Técnico de Assessores de Futebol de Salão (CTAFS) pelo atual presidente da CBD, Sylvio Pacheco. Ele criou esse conselho para tentar diminuir as divergências e encaminhar um melhor destino para o futebol de salão no Brasil. Foram eleitos para este conselho com mandato de três anos: Ammy de Moraes, Luiz Gonzaga de Oliveira Fernandez, Roberto José Horta Mourão, Roberval Pereira da Silva e Utulante Vitola (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO, 2018).

*Conforme CBFS (2018, p. Única):

Neste mesmo ano de 1957, em Minas Gerais, houve uma tentativa de fundar-se a CBFS, a ata foi encaminhada ao Conselho Nacional de Desportos, mas o conselho não acatou tal ata que foi registrada dia 30 de setembro de 1957 com o nº 2.551. Esta situação como conselho subordinado a CBD perdurou até 1979. Em 15 de junho de 1979 foi realizada a Assembleia Geral que fundou a CBFS, tendo sido eleito, para o período 1980/1983, como presidente, Aécio de Borba Vasconcelos.

Em 1990, as 26 federações filiadas a CBFS deram o aval para o então presidente, Aécio de Borba Vasconcelos, mandar uma carta firmando o desligamento do Brasil com a FIFUSA. A partir de então, a CBFS passou a adotar as novas regras de jogo provenientes da FIFA, tendo sempre como objetivo principal desenvolver o Futsal no mundo e levar a modalidade a integrar o programa dos Jogos Olímpicos (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO, 2018).

2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

De acordo com a legislação brasileira, a Educação Física é componente curricular obrigatório da educação básica (Brasil, 1996). Segundo Marinho (s.d.a), a Educação Física começa a se tornar forte nas escolas quando foi instaurado o Método Francês de ginástica, por volta de 1930.

A Educação Física tem como intuito formar cidadãos críticos para o bem da sociedade. Este irá reproduzir e usufruir dos jogos, dos esportes, da ginástica, da dança e das lutas para o benefício de sua própria qualidade de vida (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2002).

Conforme Bento e Gonçalves Junior (2008), a Educação Física escolar, como componente curricular de ensino, tem que contribuir concomitantemente com os alunos e demais professores para criação de processos educativos significativos, referente as diversidades culturais, pois além de contemplar as práticas da cultura corporal, também pode debater sobre as contribuições e influências dos diferentes povos que existem em nossa cultura.

A Educação Física escolar deve conduzir o aluno a uma reflexão crítica, de maneira cuidadosa e progressiva, objetivando-os a liberdade de escolhas na cultura corporal de movimento (BETTI, 1994).

Aulas de Educação Física em escolas são um espaço importante de aprendizagem dos esportes e de outros conteúdos de educação. “Para muitas crianças, ao término da infância e da adolescência, essa terá sido a única oportunidade de uma prática esportiva orientada e sistematizada” (ALTMANN, 2015 p. 35).

As aulas de Educação Física escolar, são pioneiras em desenvolver todas as habilidades motoras fundamentais, concedendo práticas com objetivos definidos, respeitando as características do comportamento motor dos escolares (TANI, 2008).

Para Alves (2003), a Educação Física escolar deve abrir espaço para que os alunos tenham livre escolha para conhecer-se e também desenvolver-se em relação aos domínios motores, cognitivos, afetivos e sociais, para que através desses fatores possam obter uma vida saudável e bem-sucedida, juntando a harmonia do corpo, mente e espírito através de práticas e atividades físicas dentro da escola.

Voser e Giusti (2002, p. 15) afirmam:

A escola assume um papel importante no que diz respeito à aquisição do hábito da prática esportiva pelos jovens. As escolas que realmente investem em educação reconhecem na Educação Física escolar um meio rápido de interação da criança com o meio em que vive, oferecendo momentos de convívio social. Propostas sérias que visam democratizar, humanizar e diversificar a forma pedagógica do ensino da Educação Física e métodos que procuram valorizar e incorporar as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos está se tornando uma referência significativa no contexto educacional, principalmente na hora da escolha, por parte dos pais, da melhor escola para seus filhos.

Segundo Guimarães et al. (2001, p. 19), “A educação física, como qualquer outra disciplina, tem responsabilidade na concretização do processo de formação e desenvolvimento de valores e atitudes, por essa razão, deveria considerá-lo como parte de seus conteúdos de ensino”.

Carmo et al. (2013) afirmam que, na literatura apresentam estudos que avaliam o predomínio do sedentarismo, e crianças e adolescentes acabam sendo um dos principais focos em relação a isto, pois é nesta fase da vida que os hábitos e os comportamentos são estabelecidos e refletem para a fase adulta.

Para Betti e Zuliani (2009), diversas pesquisas relatam que os jovens estão participando cada vez menos nas aulas de Educação Física e aqueles que ainda se engajam mais, têm apresentado baixa participação em atividades de intensidade moderada ou alta durante as aulas

Araújo et al. (2010, p. 2-3) entendem que, a Educação Física escolar não pode perder a função de caráter multifatorial da saúde e qualidade de vida:

Como disciplina escolar, ela não deve abandonar sua preocupação em subsidiar e encorajar os alunos a adotarem estilos de vida ativa. Por conseguinte, justifica-se a importância do papel da Educação Física escolar na prevenção e controle da obesidade em crianças e adolescentes por que é a disciplina que proporciona a prática regular de atividades físicas, além de incentivar a adoção de outros hábitos de vida saudáveis.

Em relação a isto, a escola acaba se tornando um espaço para o desenvolvimento de estratégias de promoção de atividade física e de educação para a saúde e, neste contexto, a Educação Física Escolar aparece como uma importante ferramenta, pois muitas crianças e jovens veem nela uma das melhores oportunidades de aproximação às práticas de atividades físicas, principalmente para classes sociais menos favorecidas (MATTOS, 2000).

Segundo Miranda (2006, p. 649), “a Educação Física na escola pode ser uma contribuição tão propícia para a promoção da saúde que provavelmente não haja outro lugar para contemplar esta função”, ou seja, a escola, com o acompanhamento da família e das políticas governamentais de saúde, seria o local perfeito para iniciar-se a educação em relação à saúde, e a Educação Física Escolar sendo como a principal condutora deste processo pedagógico.

Para Gerber (1992), a escola é um espaço de excelência para o início desse processo pedagógico em relação da educação para a saúde.

Nahas (2003) afirma que, cabe ao professor de Educação Física, tanto quanto aos demais educadores do ambiente escolar, construir junto com os alunos uma consciência crítica que vai além das práticas corporais, com objetivo de mudar a realidade de uma grande população que se encaixa como sedentária.

Segundo Ferreira (2001, p. 51), a grande tarefa da Educação Física escolar é:

Habilitar os alunos a praticar o exercício físico e o desporto e a compreender os determinantes fisiológicos, biomecânicos, sociopolítico-econômicos e culturais dessa prática. Dessa forma, ela estará contribuindo para a ampliação do entendimento do binômio exercício-saúde, para a construção de estilos de vida ativa e para uma sociedade mais justa e igualitária.

Para Datar e Sturm (2004), em um estudo recente em escolas norte-americanas, mostrou que o aumento do número semanal de aulas ou períodos de Educação Física pode auxiliar no combate ao sobrepeso.

Sleap (1990) relata que, a Educação Física deveria dar condições de como manter o corpo com qualidade de vida e, que isto, deveria ser considerado um assunto tão importante quanto os ensinamentos de jogos esportivos.

Conforme Carmo et al. (2013), o professor de Educação Física deve tornar a sua aula em um momento prazeroso para todos os alunos, agrupando alunos mais habilidosos com menos habilidosos, alunos com mais ou menos condicionamento físico e também alunos com qualquer tipo de deficiência, promovendo o bem-estar e saúde de todos, buscando reduzir o sedentarismo.

Para Sumihara (2013), a Educação Física possui papel importante para o indivíduo, pois dá ferramentas para ele ter autonomia nas escolhas de atividades físicas junto com uma reeducação alimentar, assim tornando-se um indivíduo com um estilo de vida mais saudável. O esporte tem um papel muito importante, pois pode ser entendido como espetáculo, alto rendimento ou mesmo uma forma de diversão e lazer, e isso contribui para sua aceitação e inserção nas aulas de Educação Física.

2.4 FUTSAL NA ESCOLA

Mutti (2003) entende que o futsal é uma modalidade esportiva que habilita o indivíduo a trabalhar uma diversidade de aspectos como, técnico-tático do jogo, raciocínio rápido, coordenação motora, questões sociais, cooperação, respeito e liderança. Ele acredita que o aluno possa adquirir uma ampla aprendizagem sobre a modalidade do futsal com vivências diferenciadas.

Reis Junior et. al (2013) afirmam, o Futsal é uma ferramenta muito interessante a ser utilizada pelos professores nas aulas de Educação Física Escolar, explorando diversas habilidades tanto cognitivas quanto físicas. Na maioria dos casos, o esporte é iniciado na escola em uma fase da vida onde a criança está sofrendo inúmeras mudanças, tanto biológicas, quanto psicológicas e sociais. Então, é extremamente

importante que o professor de Educação Física sempre esteja atento com a maneira que o esporte está sendo ensinado às crianças.

Trabalhar esportes no ambiente escolar, como por exemplo o futsal, promove aos alunos muitas melhorias como, conhecimento, percepções espacial, corporal e temporal, reforçando alguns processos mentais, obtendo mais consciência, capacidades físicas e motoras (CONEGLIAN; SILVA, 2013).

Para Voser e Giusti (2002), quando a escola ensina a modalidade futsal com o intuito de promoção a saúde e educação das crianças, acaba transformando o esporte em um elemento muito importante para a vida das mesmas. Segundo eles, o esporte na escola deve ser adotado para que ocorra um bom aprendizado, favorecendo no desenvolvimento dos aspectos físicos, psicológicos e sociais.

A prática da modalidade futsal no ambiente escolar, ajuda a prevenir diversos riscos que possam aparecer no futuro, além de estabelecer importantes efeitos psicossociais. Cria-se um amplo leque de opções positivas quando se tem uma atividade física satisfatória como, o acréscimo da massa magra, redução da gordura corporal, evolução dos níveis cardiorrespiratórios, resistência muscular e além dos importantes efeitos de socialização (VIEIRA et al., 2002).

Para Silva (2008), o professor tem um papel formador, incentivando práticas como o futsal, que acabam desenvolvendo cidadãos que consigam inserir a Educação Física no seu cotidiano. Ainda Silva (2008, p. 7), “O futsal na escola deve ter uma formação básica, desenvolvendo as habilidades físico mentais: consciência corporal, coordenação, flexibilidade, ritmo, agilidade, equilíbrio, percepção espaço-temporal e descontração. ”

Segundo Damasceno (2007), o professor de Educação Física deve utilizar em suas aulas de futsal um método de ensino que busque o interesse dos alunos na prática das aulas, não interessando se é global, analítico ou misto.

Conforme Santana (2001), os professores de Educação Física não precisam criar apenas times para jogos nas escolas, mas sim inserir o futsal na vida dos alunos como algo inovador na prática da Educação Física escolar.

Nas aulas de futsal nas escolas é necessário que haja cooperação entre aluno e professor e, para que isso aconteça, elas devem oferecer componente lúdico, buscando ensinar a prática do futsal para todos e não apenas para os que têm as melhores condições de realizar (SANTANA, 2001).

Para Rabelo e Amaro (2016, p,7), o Futsal dentro das aulas na Educação Física escolar tem um papel muito importante que é desenvolver cidadãos e não criar atletas.

A Educação Física escolar tem o dever de trabalhar e desenvolver as habilidades motoras, afetivas e cognitivas do aluno, então seja o futsal, também, tem um grande objetivo central, que é desenvolver o total do aluno, aperfeiçoando um cidadão capaz de relacionar-se com meio em que vive. O Futsal, nesse sentido, tem um objetivo em suas aulas nas escolas, e o papel que o professor deve exercer no conteúdo de suas aulas deve trabalhar a integração e também a cooperação entre aluno e o professor, mas, para que isso aconteça, o professor deve promover atividades de forma lúdica. Com isso, então, o professor tem um papel fundamental de ir preparando seu aluno para uma competição sadia, na qual deve ter como peça predominante o respeito e a consideração pelo seu adversário.

Conforme Silva e Amaro (2016), “O futsal é uma ferramenta valiosa para os professores de Educação Física atuantes na escola, podendo ser utilizado de maneiras distintas de acordo com os objetivos educacionais mais amplos”.

2.5 QUESTÕES DE INCLUSÃO NA ESCOLA

Segundo Altmann (2015), no Brasil, há uma diferença nos jogos mistos nas aulas de Educação Física em escolas e em instituições não formais ou escolas especializadas em diversas modalidades. A autora entende que nas escolas esses jogos mistos, de meninas e meninos juntos, são muito mais comuns que as demais instituições, que visam ter aulas frequentemente separadas.

Na Educação Física, aulas mistas criam oportunidades para que meninos e meninas convivam entre si, descobrindo possibilidades para aprender a ser tolerantes, não discriminando o próximo e ter discernimento para compreender as diferenças, não reproduzindo, de forma estereotipada, relações sociais autoritárias (BRASIL, 1996).

Segundo Costa & Silva (2002) a igualdade de oportunidades que se dá para meninos e meninas, deve ser um aspecto primordial nas aulas de Educação Física, buscando um aspecto de união, o que nem sempre é objetivado.

Furlan e Lessa (2008, p. 34) apresentam como se dá o reforço das desigualdades de gênero nos tempos e espaços escolares destinados ao esporte:

Nas aulas de Educação Física, os atos de exclusão se reforçam na medida em que o conteúdo central é o esporte, pois sendo conteúdo generificado e generificador, já traz em seu contexto histórico a problematização de gênero reafirmando os preconceitos estabelecidos em outros tempos, sobre a participação feminina nessas aulas. A igualdade desejada nas aulas de Educação Física não deve ser uma comparação entre meninos e meninas; o importante nesse processo é valorizar a diferença e a contribuição individual para todos os meninos e meninas, proporcionando atividades que possam ser praticadas por todos, contribuindo para a construção do ser social.

Thorne (1993), verificou que os meninos ocupavam dez vezes mais espaço do que as meninas durante o recreio, povoando e dominando os maiores espaços da escola e na maioria das vezes os destinados a esportes, enquanto elas ocupavam os espaços considerados menores e mais próximos aos prédios de aula, aparentemente visando a proteção dos adultos.

Altmann (1998), fala sobre encadeamentos relacionadas à ocupação dos espaços escolares, relatando que os meninos preenchem maiores espaços e locais de difícil acesso que as meninas, até o momento em que uma delas faça o mesmo e rompa essas fronteiras.

Para Souza (2009, p. 44) “De alguma forma, enquanto eles ocupam um lugar mais ativo nas práticas esportivas, elas o fazem no sentido de se construírem belas. Para eles, a admiração pelo desempenho esportivo, para elas, pela beleza”.

Thorne (1993) afirma que a presença de professores entre crianças e adolescentes, pode diminuir a separação de gênero, pois ao incentivarem práticas em conjunto de meninos e meninas, a maior parte dos comentários pejorativos e sexistas provenientes dessa interação são minimizados.

Também Serbin (1984), pesquisando em escolas elementares norte-americanas, verificou que quando há a presença de educadores em algum local onde

tenha meninos e meninas, já é por si só um fator de extrema importância na determinação das atividades das crianças.

Segundo Louzada et al. (2007), o professor nas aulas de Educação Física, não deve criar preconceitos generalizados em relação a não habilidade das meninas, pois existem meninas hábeis assim como existem meninos sem habilidade.

Conforme Goellner e Fraga (2004), a separação de meninos e meninas em atividades de exercícios físicos na escola, se dava em função dos diferentes objetivos sociais para esses sujeitos e corpos, com isso, criava-se propostas naturalizadas e definitivas do que é ser homem e do que é ser mulher.

Para Sousa e Altmann (1999), a criação de novas regras ou até mesmo a adaptação de algum jogo ou esporte com o intuito de evitar a exclusão de meninas, desconsideraria a articulação do gênero a outras categorias. Alguns exemplos de adaptações, seria determinar que um gol só pudesse ser marcado por alguma menina, que esse gol só pudesse ser validado quando todas as meninas do time tocassem na bola e até mesmo que as meninas só pudessem marcar meninas. As autoras entendem que essas regras podem solucionar um problema, porém, acabam criando outros, pois podem desestruturar a dinâmica dos jogos ou das atividades e, conseqüentemente, as meninas seriam as culpadas por isso, já que foi para elas que as regras foram modificadas.

Como afirma Louro (1992), quando os professores modificam ou adaptam novas regras para um jogo, podem acabar representando uma forma de ajustar o jogo à “deficiência” feminina, reforçando ainda mais a ideia de que o feminino é um desvio construído com base no masculino. Para ele, a exclusão é aí tratada como unicamente de gênero, pois aqueles meninos que foram excluídos com as regras oficiais, continuarão enfrentando o mesmo problema com as regras adaptadas.

Segundo Souza e Altmann (1999), os professores encontram uma grande quantidade de conflitos e dificuldades que estão presentes na cultura escolar em relação ao gênero, principalmente em aulas de Educação Física, pois se trata de valores e normas culturais que se transformam muito lentamente.

Meninos e meninas muitas vezes não reagem da mesma maneira a uma intervenção docente, um exemplo disto é o fato de que os meninos desobedecem muito mais as normas escolares e as solicitações docentes do que as meninas. “A postura docente é uma referência que define como meninas e meninos agem e se relacionam entre si” (ALTMANN 1998, p. 101).

Para Souza e Altmann (1999), o ensino escolar é uma alavanca de potencial muito limitado para a conquista de objetivos que afetam valores e comportamentos enraizados nos grupos sociais. As autoras também entendem que as escolas podem contribuir com a criação de possibilidades para a ampliação de espaços, construindo relações que não tenham hierarquias entre homens e mulheres.

Segundo Arroyo (1996), a escola deve estar ciente da criação de um projeto político, tendo em vista a construção de um ideal democrático que reflita nos mais diversos aspectos e ao mesmo tempo, tenha a complexa diversidade de grupos, etnias, gêneros, demarcado não só por relações de perda, de exclusão, de preconceitos e discriminações, mas também por processos de afirmação de identidades, valores, vivências e cultura.

3 METODOLOGIA

3.1 TEMA DO ESTUDO

O desenvolvimento da pesquisa caracteriza-se como sendo um estudo descritivo e com paradigma qualitativo.

Este tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVINOS, 1987).

Conforme Gaya (2008, p. 152), os estudos descritivos têm como função “as investigações que têm por objetivo analisar determinados fenômenos, definir seus pressupostos, identificar suas estruturas ou esclarecer possíveis outras relações com suas variáveis”.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população deste estudo foram alunos da ESEFID-UFRGS que estão matriculados na cadeira de estágio docente obrigatório no Ensino Médio.

A amostra do estudo foi composta por doze estagiários da ESEFID, que estavam dando aulas no ensino médio em escolas públicas de Porto Alegre, no ano de 2018/1. Foram selecionados de maneira intencional e voluntária apenas os estagiários que dariam futsal no seu estágio docente.

3.3 COLETA DE DADOS

A coleta de dados desta pesquisa foi realizada no período de maio a junho de 2018.

As informações foram coletadas através da aplicação de um questionário aberto (APÊNDICE A) de maneira presencial.

3.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Foram garantidos aos estagiários os direitos de sigilo, voluntariado e desistência de participação da pesquisa a qualquer momento. Todos os estagiários

assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) antes de responder ao questionário.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao iniciar este capítulo, cabe o esclarecimento de que, em algumas questões, os estagiários deram mais de uma resposta, então, nessas questões a contagem mostrou um número maior de estagiários que a amostra do trabalho.

Daqui para frente, o termo “gênero” será entendido como “sexo”, visto que o único critério utilizado pelos estagiários foi o biológico.

Segundo Goellner (2003, p. 82-83):

Diferenças de sexo são aquelas diferenças biológicas que se apresentam desde o nosso nascimento e que determinam “o ser macho” ou “o ser fêmea”. Diferenças de gênero são aquelas diferenças que se constroem na sociedade e na cultura, indicando os papéis adequados aos homens e às mulheres, delineando, portanto, representações de masculinidade e feminilidade.

Na análise das respostas, os estagiários que responderam ao questionário serão chamados de professores.

4.1 GÊNERO E FAIXA ETÁRIA DAS TURMAS

A tabela abaixo mostra o resultado das respostas à primeira questão e, ainda, a faixa etária de cada turma.

PROFESSOR	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
AULAS MISTA SIM E/OU NÃO	SIM/NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM
FAIXA ETÁRIA	15-16	15-17	16-20	16-20	16	15-17	15-16	14-15	14-17	15-16	14-15	14-16

Dos doze professores, dez deles responderam que suas turmas são mistas, sendo que em um caso o professor separa por sexo quando solicitado pelos alunos ou quando há muita diferença técnica em determinada atividade. Os outros dois professores têm a sua turma de um sexo só, sendo uma turma feminina e outra masculina.

Nota-se que a grande maioria dos professores deram suas aulas para turmas mistas, talvez pelo fato das escolas terem adotado isso a alguns anos, pois segundo Uchoga e Altmann (2016) a Educação Física já não é mais legalmente separada

desde o início dos anos 1990. Porém, percebemos que dois professores ainda tiveram suas turmas com o sexo separado. Para Dornelles e Fraga (2009), a atual inexistência de legislações no Brasil que proponham a separação de meninos e meninas não significa que essa prática tenha sido completamente abolida das escolas.

4.2 OBJETIVOS PREVISTOS PARA AS AULAS

Quando questionados sobre os objetivos para as aulas, sete professores deixaram claro que suas metas foram os aspectos técnicos e táticos do futsal. Conforme Balzano (2007, p. 35), “A técnica também pode ser explicada como, todas as ações específicas do esporte integrado com a bola, sobre os quais se constituem todos os elementos técnicos do jogo”. Segundo Apolo (1995), tática pode ser definida como uma forma organizada de aplicar um sistema e seus vários esquemas táticos, com o objetivo de combinar o jogo de ataque e defesa, conseguindo dominar o adversário e possibilitando a vitória.

Para dois professores, o objetivo nas suas aulas foi o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Entende-se que os professores queriam abordar este assunto, pois achavam que eles vinham de um processo de percepção e raciocínio insuficientes dos anos anteriores, possivelmente pela falta de atenção das escolas para com os alunos.

Questões de igualdade e participação das mulheres no esporte foram objetivos de três professores, pois perceberam que as mulheres já conquistaram muitas coisas no esporte e sua participação é crescente, gradualmente superando muitas barreiras. Segundo Freitas (2003), a mulher moderna quebra antigos paradigmas e ganha cada vez mais espaço na sociedade, espaços estes que vem sendo consolidados também pela imagem propagada da mulher no esporte.

4.3 PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS NA PREPARAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DAS AULAS

Referente aos pontos positivos, oito professores entenderam que foi o interesse, participação e/ou motivação dos alunos para com as aulas, dois professores descreveram que a faixa etária é boa de se trabalhar e para dois professores, foi o

pensar em conjunto dos alunos e professor para a elaboração das aulas. Ocorreram aqui duas peculiaridades, onde um professor sentia maior participação da turma quando separava os sexos nas atividades e um professor percebeu que a turma rendia mais quando os meninos “puxavam” as atividades e, assim, não havia queda na desmotivação da turma.

A grande maioria dos professores transpareceu que além da faixa etária ser boa de se trabalhar, os alunos sempre foram muito interessados com as aulas, mesmo sendo escolas com alunos de várias classes sociais, eles participavam com muita cooperação e respeito.

Já nos pontos negativos, quatro professores entenderam que a falta de materiais nas escolas atrapalhava a preparação das aulas, a falta de experiência deles em dar aula foi como o principal ponto negativo para dois professores. Dois professores descreveram que a necessidade de repetir diversas vezes as explicações das atividades era o que os incomodava; um professor citou que o ponto negativo era o “confrontamento” dos alunos entre si; pouca carga horária no estágio foi descrita como negativo para um professor; implementar o tema de mulheres no esporte foi a dificuldade de um professor e dois professores não descreveram pontos negativos nas suas aulas.

Percebe-se que as dificuldades dos professores nas escolas são variadas, indo da falta de experiência em dar aulas ou até mesmo em se expressar para a turma, até problemas das próprias escolas como a falta de materiais e pouca carga horária para reproduzir seus planos de aula. Também houve uma referência sobre a dificuldade de implementar o tema mulheres no esporte.

4.4 COMPREENSÃO DAS ATIVIDADES ABORDADAS

Em relação a compreensão, oito professores relataram que com diálogos nas aulas, os alunos entenderam muito bem as atividades trabalhadas, três professores entenderam que foi de difícil compreensão pela maioria dos alunos e um professor percebeu que os meninos tiveram mais facilidade na realização das atividades do que as meninas.

Nesta questão quase todos os professores dão a entender que os alunos assimilaram bem as atividades, sendo que alguns tiveram mais dificuldades que outros ou até mesmo por estarem mais familiarizados com o conteúdo, como foi o parecer de um professor, onde os meninos estavam um passo à frente das meninas.

4.5 ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS COM AS AULAS

Para sete professores os alunos eram muito envolvidos e gostavam bastante das aulas, dois professores relataram que na grande maioria os alunos eram envolvidos, porém sempre tinha um grupo que não tinha interesse e para três professores os meninos se mostravam mais envolvidos que as meninas, mas com um pouco de motivação, elas acabavam fazendo as atividades com a mesma intensidade.

A participação da maioria dos alunos foi positiva para todos os professores, tendo alguns relatos que sempre tem alguns grupos que não participam ou falta algo motivador para se engajarem nas atividades iguais aos demais. Para Chicati (2000), o professor tem a tarefa de ser um grande agente motivador, pois novas mudanças, conflitos de ideias e uma séria crise de identidade, acabam gerando dúvidas para esses adolescentes, tão confusos e insaciáveis por qual caminho seguir.

4.6 RESPEITO ENTRE OS GÊNEROS

Referente ao respeito entre os gêneros, sete professores afirmaram que sempre houve respeito entre os alunos. Um professor relatou que raramente acontecia desrespeito dos meninos contra as meninas na questão apenas técnica. Um professor respondeu que no início havia um pouco, porém, com bastante conversas logo no início do semestre o desrespeito diminuiu. Um professor deixou claro que não havia respeito dos meninos com as meninas em relação a técnica, acabavam atropelando as atividades e dois professores não observaram isso, pois as suas turmas eram do mesmo sexo. Uma peculiaridade aqui, um professor percebeu muito desrespeito nas suas aulas, esse desrespeito era dos meninos com os próprios meninos, também relacionado apenas com a técnica.

Verifica-se que na maioria dos casos não havia desrespeito entre os alunos referente ao gênero, ou se havia era muito pouco e conversas no início do semestre

ajudavam a diminuir isto. Mas foi relatado que o pouco desrespeito entre eles, acabava sendo somente em relação a técnica, onde os alunos “zoavam” uns aos outros e isso acontecia não somente de meninos com meninas, mas também entre os próprios meninos e as próprias meninas. Segundo Daolio (1994), as especificidades culturais de cada sociedade definem e colocam em prática uma construção cultural do corpo, sendo a construção cultural do corpo feminino diferente da do masculino. No caso brasileiro, os meninos tornam-se mais habilidosos esportivamente que as meninas.

4.7 PRECONCEITOS MAIS EVIDENTES ENTRE OS ALUNOS

Foi relatado por seis professores que a manifestação verbal de teor machista, homofóbica e/ou racial surgiu nas suas aulas, porém, os mesmos relataram que com conversas isso foi banido. Quatro professores relataram que existiu preconceito em relação a técnica, que determinados alunos não queriam jogar com outros alunos por serem “ruins” e dois professores não observaram nenhum tipo de preconceito em suas aulas. Um fato interessante é que, os dois professores com as turmas de mesmo sexo, presenciaram o preconceito em relação a técnica, ou seja, os meninos “bons” não queriam jogar junto com os “ruins” e as meninas “boas” não queriam jogar junto com as meninas “ruins”.

Acredita-se que a grande parte dos professores converse somente no momento do conflito, podendo gerar estratégias de ensino ineficazes. Se fossem criadas regras no início das aulas, que abrangessem atenção dos alunos, o preconceito talvez se atenuasse. Para Borelli (2016), ensinamentos éticos de forma preventiva, podem acabar se tornando um reforço diferenciado no ensino-aprendizagem dos alunos. Segundo Rosa (2010), o professor tem que ter clareza na negociação e naquilo que pretende trabalhar com os alunos, quando não há regras que estejam em comum acordo entre ambos, o resultado é a insatisfação e indisciplina

4.8 VIOLÊNCIA ENTRE OS ALUNOS

Sobre a violência, oito professores deixaram claro que nunca houve qualquer tipo de violência em suas aulas, dois professores acabaram entendendo que existiu violência verbal em suas aulas e dois professores presenciaram violência física, sendo que um desses professores disse ter presenciado a agressão física de meninos contra

meninos e o outro de meninas contra meninas, estes dois professores davam aulas para turmas mistas.

Mais da metade dos professores não presenciaram qualquer tipo de violência, mostrando que os alunos tinham uma boa relação entre si, tornando isso algo positivo, pois sabe-se que a violência nas escolas ocorre com bastante frequência. Segundo Rosa (2010, p. 6), “ A violência nas escolas é atualmente um fenômeno real que já faz parte dos problemas sócio-políticos do país. ”

Um fato interessante nesta questão, é que as duas situações de violência física foram dentro do próprio sexo, dando a entender que mesmo com a diferença técnica que os professores relataram entre os sexos, em nenhum momento isso acabou se tornando algum problema que viesse a ter qualquer tipo de agressão. O que pode se tornar algo preocupante é que, dois professores acabaram deixando acontecer agressões físicas durante suas aulas. Não dá para determinar o motivo que levou os alunos a tal situação, se eram problemas das turmas, problemas das escolas, se foram apenas casos isolados ou até mesmo problemas familiares, como abuso e violência doméstica. Há alguns casos em que os professores acabam ficando de mãos atadas, mas mesmo assim, eles precisam buscar um entendimento para poder dar base a esses alunos para que possam se ajudar.

4.9 ATITUDE TOMADA PELOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AO CONFLITO

Esta questão indagou qual atitude tomada pelos professores quando acontecia alguma situação de desrespeito, preconceito ou violência durante a aula. Dez professores disseram que paravam a aula no momento do ocorrido, conversavam com os alunos envolvidos, debatiam juntamente com o restante da turma para acharem a melhor solução e retomava a aula. Um professor relatou que parava a aula, conversava particularmente com os envolvidos para resolver o problema e retomava a aula e um professor descreveu que não parava a aula, retomando a situação ocorrida anteriormente apenas no final do período, somente com os envolvidos no conflito. Sendo assim, onze professores retomavam a aula exatamente de onde paravam após o ocorrido e um professor não interrompia a aula.

Quase todos os professores paravam as suas aulas no momento exato que acontecia qualquer tipo de conflito, parecendo ser a atitude mais correta a se tomar, pois eles poderiam identificar aquela situação na hora, que na percepção deles eram atitudes erradas dos alunos, e fazer que a turma toda, ou como no caso de um professor que conversava somente com os envolvidos, pensasse e percebesse que aquele ato era errado. Segundo Saraiva-Kunz (1993), em momentos de desordem e discriminação abrangendo meninos e meninas, uma conversa franca com a orientação do docente, pode minimizar essa situação, favorecendo o espírito de cooperação e de solidariedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Física é uma disciplina que, juntamente com as demais, contribui muito para formação de identidade, e deve ser tratada como uma disciplina que agrega conhecimento para todos, atingindo o maior número de pessoas, quebrando tabus e preconceitos que vêm sendo gerados culturalmente ao longo de toda a história.

É fundamental o papel do professor de Educação Física nas aulas de futsal, para planejar e proporcionar vivências igualitárias para os meninos e meninas, quebrando os preconceitos criados culturalmente nessa modalidade. Sabemos que há diferenças biológicas entre os alunos, mas isso não pode ser usado como argumento.

Com base nesta pesquisa, observamos que os estagiários do curso de Educação Física da ESEFID, perceberam que os alunos, tinham em sua grande maioria, uma relação muito boa entre eles, com respeito, sem preconceito e/ou violência. Quando foi observado qualquer tipo de atitudes desrespeitosas, ficou claro que sempre era por motivos técnicos do futsal, ou seja, alguns alunos entendiam que eram melhores qualificados do que os outros, independente do “sexo”.

Sugerimos que sejam realizados mais estudos sobre este tema. Sabemos que há muitas pesquisas em relação a inclusão, mas essa discussão ainda enfrenta algumas dificuldades no cotidiano escolar. É de extrema importância que os docentes estejam sempre atualizados e preparados para situações como desrespeito, preconceito e/ou violência, criando assim um ambiente mais justo.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. et al. **Educação Física Escolar E Igualdade De Gênero: Um Estudo Transcultural – Primeiras Aproximações**. XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte Salvador. Bahia, 2009.
- ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. 1998. Dissertação de Mestrado em Educação. Belo Horizonte: UFMG, 1998. 111p.
- ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. Cortez Editora, 2015.
- ALVES, J. G. B. Atividade física em crianças: promovendo a saúde do adulto. **Revista Brasileira Saúde Materno Infantil**, v. 3, p. 5 – 6, 2003.
- APOLO, A. **Manual Técnico Didático de Futsal**. São Paulo: Scortecci, 1995.
- ARAÚJO, R. A. et al. O papel da Educação Física escolar diante da epidemia da obesidade em crianças e adolescentes. **Educação Física em Revista**, v. 4, n. 2, 2010.
- ARROYO, M. **Educação básica de Jovens e Adultos, Escola Plural**. Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, 1996.
- BALZANO, O. N. **Metodologia dos jogos condicionados para o futsal e educação física escolar**. Porto Alegre: Autor, 2007.
- BELLO, J. N. **A Ciência do Esporte aplicada ao Futsal**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.
- BENTO, C. C.; GONÇALVES JUNIOR, L. Jogos e brincadeiras de diferentes culturas nas aulas de Educação Física escolar. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 20. 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SESI, 2008.
- BETTI, M. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física. **Discorpo**, São Paulo, n.3, p. 25-45, 1994
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, 2009.
- BORELLI, L. M. **Análise Comportamental da Cultura e Educação: o papel do professor no ensino e aprendizagem de comportamentos pró-éticos**. Dissertação Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem - UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2016. 166p.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei n. 9.394/1996: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 2000. 109p.

CARMO, N. et al. A importância da Educação Física escolar sobre aspectos de saúde: sedentarismo. **Revista Educare: CEUNSP**, v.1, n. 1, 2013.

CHICATI, K. C. Motivação nas aulas de Educação Física no Ensino Médio. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 11, n. 1, p. 97-105, 2000.

CONEGLIAN, J. C.; SILVA, E. R. **A importância da prática do futsal na Educação Física escolar**. EFDeportes.com – Revista Digital. Buenos Aires: v. 18, n.181, 2013. Disponível em:link Acesso em: 31 de mai de 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO. Disponível em: <http://www.cbfs.com.br> Acesso em: 31 de mai de 2018

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Educação Física escolar**. Disponível em: <http://www.confef.org.br/extra/revistaef/show.asp?id=3457>. Acesso em: 02 de jun de 2018.

COSTA, M. R. F.; SILVA, R. G. A Educação Física e a co-educação: igualdade ou diferença? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V. 23, Nº 2, p. 43-54, Campinas: 2002.

DAMASCENO, G. J. **Aprendizagem No Futsal: Método Analítico ou Global?**. Disponível em: <http://www.ferretifutsal.com/Publica/Artigos/78626924.html>. Publicado em 26 nov. 2007. Acesso em 12 mai. 2018.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Papirus Editora, 1994.

DATAR, A.; STURM, R. Physical education in elementary school and body mass index: evidence from the early childhood longitudinal study. **American Journal Public Health**, n.94, p. 1501-1506, 2004.

DORNELLES P.; FRAGA, A. B. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física** n. 1, p.141---56, 2009.

FERREIRA, M. S. Aptidão física e saúde na Educação Física escolar: ampliando o enfoque. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 22, n. 2, 2001.

FIGUEIREDO, V. **A história do futebol de salão: origem, evolução e estatísticas**. Fortaleza: IOCE, 1996.

FREITAS, S. G. Mulher: fonte e instrumento de poder. In: Simões, A.C (Org.) **Mulher & Esporte: mitos e verdades**. São Paulo: Manole, 2003, p. 49-68.

FURLAN, C. C.; LESSA, P. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, p. 28-43, 2008.

GAYA, A. **Ciências do movimento humano**: Introdução à metodologia da pesquisa. Porto Alegre: Artmed, 2008

GERBER, Z. R. S. **Fatores de risco aterosclerótico na infância**: estudo epidemiológico. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

GOELLNER, S. V. Bela, maternal e feminina: Imagens da mulher. **Revista Educação Física**. Ijuí: Unijuí, Coleção Educação Física, 2003.

GOELLNER, S. V.; FRAGA, A. B. O espetáculo do corpo: mulheres e exercitação física no início do século 20. In: CARVALHO, M. J. S.; ROCHA, C. M. F. **Produzindo Gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004, p.161-171.

GUIMARÃES, A. A. et al. Educação Física escolar: Atitudes e valores. **Motriz**, v. 7, n. 1, p. 17-22, 2001.

LOURO, G. L. Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero. In: **Teoria & Educação**. Porto Alegre: Pannonica, nº 6, pp. 53-67, 1992.

LOUZADA, M. et al. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 28, n. 2, p. 55-68, jan. 2007.

LUCENA, R. **Futsal e a iniciação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

MARINHO, I. P. **História da Educação Física no Brasil**. São Paulo: Cia Brasil, s.d.a.

MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. **Educação Física na adolescência**: construindo o conhecimento na escola. São Paulo: Phorte, 2000.

MIRANDA, M. J. Educação Física e saúde na escola. **Estudos**, v. 33, n. 4, p. 643-653, 2006.

MUTTI, D. **Futsal da iniciação ao alto nível**. 2.ed. São Paulo: Phorte, 2003.

NAHAS, M.V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida**: conceito e sugestões para um estilo de vida ativo. Londrina: Midiograf, 2003.

RABELO, W. F.; AMARO, D. A. Benefício do Futsal na Educação Física escolar. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo Do Conhecimento**, ano 1, v. 10, p. 135-150, 2016.

REIS JUNIOR, A. F. et. al. Habilidade e gênero na escola: uma abordagem a partir do futsal. **EFDeportes.com**, v. 17, n. 178, 2013. Disponível em: link. Acesso em: 31 de mai de 2018.

ROSA, M. J. A. Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. **Revista Fórum Identidades**, 2010.

SANTANA, W. C. **Futsal: Metodologia da Participação**, Londrina, 1996.

SARAIVA-KUNZ, M. C. **Quando a diferença é mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da Educação Física**. Dissertação de Mestrado em Educação – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade** nº20, Porto Alegre, 1995, p.71-99.

SERBIN, L. Teachers, peers and play preferences: An environmental approach to sex typing in the preschool. In: DELAMONT, Sara (org.). **Reading on interaction in classroom**. Grã-Bretanha: Richard Clay LTD, 1984. p. 273-289.

SILVA, L. J. S.; AMARO, D. A. Benefícios E Método De Ensino Do Futsal No Ensino Fundamental: Revisão De Literatura. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo Do Conhecimento**, Ano 01, Vol. 10, p. 222-248. 2016.

SILVA, M. M. R.; SANTOS, H. P. Cruzando Fronteiras “um olhar sobre gênero e o futsal na escola em Catalão”. **Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**, Universidade Estadual de Londrina, v. 24. 2010.

SILVA, N. A. **O futsal na área escolar**. Publicado em, v. 23, 2008. Disponível em: www.webartigos.com/artigos/o-futsal-na-area-escolar/3828. Acesso em: 09 de abr de 2018.

SLEAP, M. **Promoting health in primary school physical education**. Human Kinetics Publishers, England, 1990. p. 17-36. v. 1.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar. **Cadernos Cedes**, ano 19, n. 48, 1999.

SOUZA JUNIOR, J. A. Futsal: História, Evolução E Sistemas. **EFdeportes**, 2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd184/futsal-historia-evolucao-e-43sistemas.htm> Acesso em 10 abr 2018.

SOUZA, C. M. **Relações de gênero e Educação Física: “visão de jogo” e beleza**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. 2009.

SUMIHARA, K. M. S. **Educação física e saúde: a importância da educação física escolar na prevenção ao sedentarismo no Colégio Estadual Complexo 9**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação Física. 2013.

TANI, G. Abordagem desenvolvimentista: 20 anos depois. **Revista de Educação Física/UEM**, n. 19, p. 313-331, 2008.

TEIXEIRA, J. J. **Futsal 2000: o Esporte do Novo Milênio**. Porto Alegre: [edição do autor], 1996.

TENROLLER, C.A. **Futsal**: ensino e prática. Canoas: ULBRA, 2004

THORNE, B. **Gender play**: Girls and boys in school. New Jersey: Rutgers University Press, 1993. 237p.

TOLUSSI, Fransisco. **Futebol de salão**: tática-regra-história. São Paulo, Editora Brasipal L TOA, 1982.

UCHOGA, L. A. R.; ALTMANN, H. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 2, p. 163-170, 2016.

VICARI, P. R. **A transição do futebol de salão para o futsal**: um percurso histórico no Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. 2015.

VIEIRA, V.C.R. et. al. A atividade física na adolescência. **Revista adolescência latino-americana**, Porto Alegre, v.3, n.1, 2002.

VOSER, R. C. **Futsal**: Princípios técnicos e táticos. Canoas: ULBRA, 2003.

VOSER, R. C., GIUSTI, J. G. **O futsal e a escola**: uma perspectiva pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZILLES, A. **Polígrafo de Futebol de Salão**. Porto Alegre: Ufrgs, 1987.

APÊNDICE A
QUESTIONÁRIO

- 1 - Sua(s) turma(s) são mistas? Qual a faixa etária?
- 2 - Quais são os objetivos dos professores para as aulas?
- 3 - Quais foram os pontos positivos e negativos na preparação e organização das aulas?
- 4 - Como os alunos compreenderam os temas/assuntos/atividades abordados?
- 5 - Qual é o envolvimento dos alunos com as aulas?
- 6 - Existe respeito entre os alunos em relação ao gênero?
- 7 - Existe preconceito? Quais são os mais evidentes?
- 8 - Existe algum tipo de violência entre os alunos?
- 9 - Nas situações de desrespeito, violência ou preconceito, como você age? Como retomava a aula?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **PERCEPÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFID-UFRGS SOBRE A SEPARAÇÃO DE GÊNEROS ENTRE OS ALUNOS NAS AULAS DE FUTSAL DO ENSINO MÉDIO**, sob responsabilidade do pesquisador **João Paulo Pelizzari Dias**, que tem como finalidade verificar se há diferença nas aulas de futsal nas escolas em relação ao gênero.

Sua participação é voluntária, sendo agendado um horário e local de sua escolha para a aplicação do questionário, que será aberto de natureza qualitativa. Caso venha a desistir de participar da pesquisa, terá total liberdade de se recusar a recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do pesquisador responsável, (51) 984417667.

A participação nesta pesquisa não trará complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador terá conhecimento dos dados.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Nome do entrevistado: _____

CPF/RG: _____

Assinatura do Entrevistado

Assinatura do Pesquisador